

# MAIS CIGARRA DO QUE FORMIGA

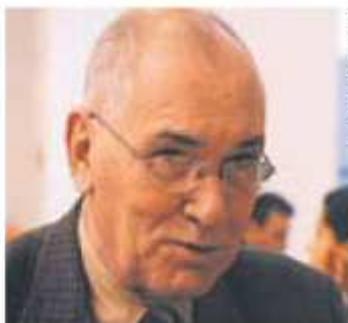
Se o otimismo do brasileiro tem raízes econômicas, também tem consequências da mesma natureza. Que não são tão positivas como a sensação de felicidade nacional. Essa é a opinião do autor do estudo sobre o tema feito pela Fundação Getúlio Vargas, Marcelo Neri.

– Acho que significa que o brasileiro é muito mais cigarra do que formiga. Ou seja, as pessoas acham que vai estar tudo bem em cinco anos, e por isso não poupam – afirma.

Com o otimismo em alta e pouca tendência a poupar, o brasileiro também demonstra muita tendência ao consumo de bens. Embora esse comportamento estimule a atividade econômica no presente, pode ser prejudicial aos investimentos futuros. Alfredo Meneghetti Neto, economista da Fundação de Economia e Estatística, afirma que a taxa de poupança de pessoas físicas no Brasil é muito baixa, de 6% do produto interno bruto, ante 20% na China.

Essa postura deixa o brasileiro mais vulnerável às ofertas de financiamento. O resultado é o endividamento e a corrosão da renda familiar com pagamento de juros.

– O brasileiro está, como diz o hino, “deitado eternamente em berço esplêndido” – opina Meneghetti.



ARNALDO CHAVES

O resultado é que, a cada três aposentados, dois voltam ao mercado de trabalho, por não terem conseguido planejar as finanças pessoais durante a carreira, informa o economista. O advogado Alberto Moura (*foto acima*), de Uruguaiana, está nesse time. Ele se aposentou aos 65 anos pelo Instituto Nacional de Seguro Social. Como suas contribuições só permitiram um benefício de R\$ 1,2 mil mensal, teve de continuar na atividade. Hoje, gostaria de se dedicar ao clube que preside à beira do Rio Uruguai, à confraria cultural e gastronômica, às pesquisas históricas. Mas, aos 69 anos, gasta boa parte do tempo com causas trabalhistas:

– Esta semana já estive em Caxias, Canoas e, agora, em Porto Alegre. Ainda tenho de andar mais 630 quilômetros para voltar a Uruguaiana. Se pudesse voltar no tempo, teria me planejado melhor para o futuro.

## O QUE OS NÚMEROS REVELAM:

> Em termos globais, a felicidade futura cai à medida que aumenta a idade do entrevistado. A média para os que têm 15 anos foi de 7,41, ante 5,45 para aqueles com mais de 80.

> Os jovens brasileiros, entre 15 e 29 anos, são ainda mais otimistas, projetando 9,79 de felicidade futura para o período de cinco anos.

> Latino-americanos tendem a ter uma postura mais otimista, mesmo em uma realidade de baixa renda per capita. A felicidade presente média no continente é de 5,64, ante 5,25 no mundo. No outro oposto está a população de países do Leste Europeu, que se destaca pela avaliação negativa quanto à própria felicidade.

> O Brasil está na 22ª posição no ranking de felicidade presente, mas apenas em 52º quando o assunto é PIB per capita ajustado ao poder de compra. A felicidade presente brasileira é de 6,64.

> Há um descompasso entre o otimismo que os brasileiros têm com relação a si próprios, que é alto, e com relação ao futuro do país, para o qual não atribuem notas altas.

> Dinheiro traz, sim, felicidade presente. Para cada 10% de aumento de renda a felicidade geral das nações aumenta 15%. O topo do ranking está recheado de países ricos, enquanto o pé, de pobres.